

## O CONTEÚDO GINÁSTICA NA VISÃO DE ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPEL: REALIDADE OU POSSIBILIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR.

**EDUARDA VESFAL DUTRA<sup>1</sup>**; **MARINDIA LACERDA FONSECA<sup>2</sup>**; **NAIÉLEN RODRIGUES SILVEIRA<sup>2</sup>**; **ANDRIZE RAMIRES COSTA<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL) – eduarda.dutra1@hotmail.com*

<sup>2</sup> *Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL) – marindia.fonseca@gmail.com*

<sup>2</sup> *Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL) – naielenrodrigues@hotmail.com*

<sup>3</sup> *Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL) – andrize.costa@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A ginástica, mesmo nas suas formas desportivizadas, não vem sendo praticada nas escolas de forma expressiva e significativa como se pode observar no estudo de Nista-Piccolo (1988). Entretanto, de acordo com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2016, que diz respeito a Educação Física (EF) nos anos iniciais de 1º há 4º ano do ensino fundamental, ela destina que seja aplicada como conteúdo curricular a Ginástica Geral, a experimentar e fruir, de forma individual e coletiva, combinações de diferentes elementos da ginástica.

Segundo SOUZA (1997) O universo da ginástica no contexto escolar é muito abrangente, e há diversas possibilidades de expressão e movimento. A ginástica é uma atividade corporal completa, pois contribui para o desenvolvimento da criança, nos seus aspectos, motor, cognitivo, força e agilidade, e servem de base para a prática de outros esportes e atividades, além de benefícios como coordenação, confiança, disciplina, organização e criatividade.

Compreende-se a “Ginástica como uma forma de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 77).

Desta forma, o objetivo do estudo foi analisar a visão dos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sobre a inserção da ginástica como conteúdo nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, de caráter descritiva. Participaram do estudo 26 acadêmicos, regularmente matriculados no quinto ou sexto semestre do curso de licenciatura em Educação Física da UFPel, pois os mesmos segundo a grade curricular do curso, já cursaram as disciplinas obrigatórias de ginástica (Ginástica Artística e Ginástica Escolar), contudo ainda não cursaram a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, na qual é destinado para estágio na escola.

Como instrumento de coleta foi utilizado um questionário com perguntas semi-estruturado e o Termo de Consentimento Legal e Esclarecido (TCLE) para delimitar a opinião dos discentes sobre o ensino da ginástica nos anos iniciais nas escolas. Os dados foram coletados na Escola Superior de Educação Física, sem horários agendados, ocorrendo nos intervalos das aulas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 26 acadêmicos, totalizando quatorze (14) pessoas do sexo feminino e doze (12) pessoas do sexo masculino. Quando interrogados se já haviam cursado as disciplinas de ginástica oferecidas pela Escola Superior de Educação Física, todos os discentes manifestaram que já haviam cursado pelos menos duas cadeiras de ginástica, totalizando 25 alunos a Ginástica Artística oferecida no 3º semestre, 23 alunos a Ginástica Escolar ofertada no 4º semestre e 8 alunos já realizaram a disciplina de Ginástica Rítmica disponibilizada como optativa para os graduandos.

Ao serem instigados a responder a questão fechada do questionário sobre a importância das disciplinas de ginásticas serem obrigatórias no currículo, vinte e quatro (24) discentes alegaram que a ginástica é importante no currículo do curso, e apenas dois (2) discentes alegaram que não consideram importante a ginástica como disciplina obrigatória para o currículo da licenciatura em EF. Este resultado evidencia que existe a compreensão por parte dos discentes que precisam estar pronto para intervir na realidade, mesmo sabendo que existem possibilidades e limites para que isso aconteça (BARBOSA-RINALDI, 2008).

Quando questionados sobre suas compreensões das disciplinas de ginásticas cursadas lhes prepararam para aplicação das mesmas em suas futuras aulas, foi aplicada uma escala decrescente de excelente, ótimo, muito bom, bom, regular e insuficiente, entretanto foi analisado que discentes expressão suas opiniões de maneiras diversificados sobre este item, considerando os seguintes resultados, 6 excelentes; 5 ótimos; 9 muito bons; 3 bons; 3 regulares e 0 insuficientes.

Ao interrogar sobre suas vivências e práticas com a ginástica nos anos iniciais de 1º ao 4º ano, foi identificado que apenas dois (2) dos alunos tiveram conteúdos de ginástica em suas aulas, sendo um (1) aluno de escola pública e o outro de escola privada. Dos vinte e quatro (24) discentes entrevistado que não tiveram nenhum contato com a ginástica nos anos iniciais, quatro (4) alunos eram de escolas privadas e vinte (20) de escolas públicas. Dos 24 graduandos que afirmaram não ter ginástica nos anos iniciais, foram questionados a responder por qual motivo ou a percepção deles pelo fato de seus antigos professores não ter aplicado o conteúdo de ginástica nas aulas, das diversas respostas os relatos mais citados como pretexto de não haver a ginástica foram a falta de interesse, conhecimento suficiente e tempo dos professores e falta de materiais necessários na escola. Assim como argumenta o um dos entrevistados: “*Falta de conhecimento sobre as possibilidades de trabalhar sem ter os aparelhos específicos e, principalmente, falta de interesse dos mesmos*”. (aluno 1)

A falta de materiais apropriados, a carência de espaço físico adequado, e deficiências na formação profissional (falta ou pouco conhecimento a respeito da modalidade), aparecem como os principais motivos que justificam a ausência das modalidades gímnicas na escola (Schiavon e Nista- Piccolo, 2006; Ayoub, 2003).

Na perspectiva de quando estiverem licenciados foi perguntado se os mesmo trabalharão com o conteúdo de ginástica, dos 26 e apenas três (3) discentes responderam que não trabalharão, pois descrevem que não tem afinidade, conhecimento e preparo suficiente para transmitir tais conteúdos, e os demais relataram que trabalharão com a ginástica pelo fato de acreditarem que ela é de extrema importância, que contribui para desenvolvimento e expressão corporal, ajuda na quebra de tabus e preconceitos advindos e permanecidos na comunidade escolar e também nas aulas de EF. Tem-se o relato de um dos

entrevistados: “*Julgo importante por ser um conteúdo amplo com diversas possibilidades pedagógicas, e grande potencial no desenvolvimento motor e das capacidades físicas das crianças*” (aluno 2)

Logo mais foi questionado qual o grau de importância que os mesmos classificam a ginástica no âmbito escolar, sendo-lhes impostos 4 alternativas de classificação, distribuídas em muito importante; importante; pouco importante e nada importante, na qual obtivemos o resultado de 50% das respostas como muito importante e o restando dos 50% como importante.

O resultado deixa claro que o trabalho com a Ginástica pode ser realizado através de uma perspectiva lúdica e recreativa, criando propostas pedagógicas que levem o aluno a descobrir os seus próprios movimentos (GAIO, 2008).

O processo de formação de professores deve apresentar a Ginástica com o adequado tratamento pedagógico, trabalhar com as movimentações básicas da criança, como os movimentos fundamentais locomotores, manipulativos e estabilizadores, além da ludicidade que os movimentos em si proporcionam, sendo totalmente possível para todas as crianças.

Por fim foi questionado se os discentes acreditam ter alguma dificuldade para trabalhar a ginástica nas escolas quando estiverem licenciados. Quatorze (14) entrevistados relataram que não teriam dificuldade alguma para trabalhar com ginástica nas escolas e os outros doze (12) relataram que sim. Dos (12) discentes que disseram que teriam dificuldades de trabalhar a ginástica no âmbito escolar, as respostas mais citadas foram a falta de estrutura, materiais adequados, aceitação dos alunos, maneiras de transpor seus conhecimento e por não ter experiência suficiente com a ginástica, assim, também comprehende um dos entrevistados que entende como dificuldade “*A falta de materiais disponíveis e a cultura machista passada de pai para filho*”(aluno 3)

#### 4. CONCLUSÕES

Podemos observar com esta pesquisa que apesar de os acadêmicos conhecerem as diversas contribuições que o trabalho com as modalidades gímnicas oferece aos seus praticantes, há um tímido desenvolvimento das modalidades gímnicas realizadas na escola.

Muitos estudos apontam a Ginástica enquanto conteúdo de ensino, praticamente inexistente nas escolas brasileiras. Deste modo, boa parte dos espaços de ensino deve apresentar a Ginástica aos alunos de forma lúdica, em espaços variados, com o auxílio de materiais alternativos, utilizando a criatividade do aluno e explorando todas as possibilidades que a modalidade oferece e que isso enriquecerá o processo de desenvolvimento das crianças na escola.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUB, E. A Ginástica Geral e Educação Física escolar. Campinas: UNICAMP, 2003.

BARBOSA RINALDI, I. P. B. Saberes Ginásticos Necessários à Formação Profissional em Educação Física: Encaminhamentos para uma Estruturação Curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 227-243, jan. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular-3º versão**. Brasília, DF, 2016.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: **Cortez**, 1992.

GAIO, R. Ginástica para tu, eles, e nós. In: GAIO, R. **Ginástica Rítmica: da Iniciação ao Alto Nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 15-30.

NISTA-PICCOLO, V. L. **Atividades Físicas como Proposta Educacional para 1º Fase do 1º grau**. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SCHIAVON, L.; NISTA-PICCOLO, V. A ginástica vai à escola. **Revista Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 131-150, abr. 2008.

SOUZA, E. P. M. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Tese de Doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação Física, Campinas (São Paulo), 1997.